
DISCRIÇÃO E DIGNIDADE

Yves de La Taille¹

Escreveu Érico Veríssimo referindo-se à sua mãe: “*Bega morreu com a discrição e a dignidade com que sempre tinha vivido*”².

O escritor coloca, lado a lado, discrição e dignidade. Tal associação será apenas uma característica pessoal de Bega, ou haverá relações, afinidades entre essas duas virtudes? Escolho a segunda opção.

Sabe-se o que é viver com dignidade, embora tal valor seja infelizmente estranho a um número considerável de pessoas que ignoram o que é o respeito de si, que ignoram o respeito devido ao outro, que agredem, violam, que espalham a infelicidade em torno delas. Viver com dignidade é justamente o contrário, pois pressupõe ver a si próprio como pessoa moral e ética. Deduz-se do que nos relata Veríssimo que a sua mãe era uma pessoa inspirada pela retidão moral, pelo respeito de si – também chamado de honra – e deduz-se também que devia ser uma pessoa justa (a injustiça sempre é indigna) e generosa (o egoísmo também é indigno).

Sabe-se também o que é viver com discrição, embora, aqui também, tal virtude falte cruelmente a muitas pessoas que passam suas vidas a esbanjar vaidade, a confundir elegância com extravagância, a procurar impor aos outros seu próprio Ego, a fazer da própria vida uma constante balbúrdia, um constante espetáculo, e, reciprocamente, a vigiar a vida alheia. Veríssimo nos fala de uma mulher que devia ser reservada, humilde, respeitosa da intimidade alheia e ciosa de preservar a própria.

Vejamos agora duas relações possíveis entre dignidade e discrição.

¹ Professor Titular aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

² Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta vol.2* (São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p.56).

1) A primeira refere-se à privacidade. Lê-se no Artigo 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que “ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada (...)”. Portanto, segundo essa Declaração – à qual pessoalmente subscrevo – todos nós temos o direito à privacidade. Esta mesma Declaração coloca no seu Preâmbulo o “reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana” e todos os seus artigos subsequentes traduzem decorrências deste reconhecimento. Por exemplo, lê-se no Artigo 3 que “todo indivíduo tem o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. Ou seja, privar alguém de viver, de ser livre e de estar seguro contradiz o reconhecimento de sua dignidade. Ora, o mesmo vale para o reconhecimento do direito à privacidade. Negá-lo a outrem equivaleria a negar a sua dignidade inerente ao fato de ele fazer parte da família humana.

Isto posto, uma primeira relação entre discricção e privacidade aparece: ser discreto, ou seja, não invadir arbitrariamente a privacidade do outro, é reconhecer e preservar a sua dignidade. Sabe-se que a referida Declaração pertence à esfera jurídica (embora inspirada pela moral) e decorre do Artigo 12 sobre privacidade a condenação de ações estatais como escuta telefônica ou perquisições domiciliares sem claro motivo judicial, sendo esse motivo fruto de um sistema político democrático (um motivo judicial oriundo da vontade de um ditador é, como escrito no artigo 12, arbitrário). Aliás, note-se que sistemas autoritários e mais ainda os totalitários fazem de tudo para controlar os membros de sua população, logo são extremamente ‘indiscretos’, indiscrição essa bem retratada no romance 1984 (Orwell) e seu dispositivo Big-Brother.

Mas a afinidade entre discricção e dignidade não se restringe ao âmbito jurídico. Ela está presente no cotidiano, nas relações interpessoais. Escreveu Georg Simmel: “*Todo ser humano está envolto por uma esfera invisível cuja dimensão pode variar segundo as diferentes direções e as diferentes pessoas às quais nos dirigimos: ninguém pode penetrá-la sem destruir o sentimento que o indivíduo tem de sua própria pessoa. A honra estabelece um território deste tipo em volta do homem; com muita fineza, a linguagem designa a afronta como o fato de se ‘aproximar demais’; é o raio desta esfera*”

que define, por assim dizer, o limite que uma pessoa estranha não pode ultrapassar sem ferir a honra”³. Poder-se-ia dizer ‘sem ferir a dignidade’,

‘Aproximar-se demais’: é isso que a pessoa indiscreta faz. Isso pode às vezes acontecer sem intenção, como na cena descrita pelo romancista Jean-Christophe Rufin (no seu livro *Les flammes de Pierre*)⁴ na qual um homem, Remy, foi visitar uma ex-namorada que estava imobilizada numa cadeira de rodas, consequência de um acidente de carro que o visitante desconhecia. Ele entrou bruscamente em seu aposento e “*a dominava com toda a sua altura, perto demais, indiscreto porque, com essa distância e a surpresa, ele não lhe deixava nem um meio de esconder seus ferimentos, nem de adotar uma postura digna*”. O homem não queria ser indiscreto, mas acabou, à sua revelia, sendo.

Mas há pessoas que *querem ser indiscretas*. Logo, para elas, o ‘aproximar-se demais’ é ato intencional: é um *querer*. Podemos imaginar a mesma cena descrita acima, mas agora com a intenção do ex-namorado de constranger a moça a sentir-se diminuída por não poder esconder seus ferimentos. Há tantas formas de agressão à dignidade que operam pela indiscrição – exemplo clássico: olhar pelo buraco da fechadura – que não precisamos nos estender.

O que mais nos interessa é a indiscrição não motivada por uma intenção agressiva, mas sim pela falta de sensibilidade: falta o *querer não ser indiscreto*. Exemplos são inúmeros, como aproximar-se fisicamente demais de outra pessoa, não perceber que tal ou tal pergunta formulada poderia levar o inquerido a sentir-se exposto e ter a sua dignidade ferida, não se afastar quando uma cena de clara intimidade ocorre, como o descreve Jack London quando de uma comunhão efusiva entre dois seres: “*Os espectadores recuaram a uma distância respeitosa e não tiveram a indiscrição de interromper novamente*

³ Georg Simmel, *Secret et sociétés secrètes* (Strasbourg: Circé, 1991, p.26).

⁴ Jean-Christophe Rufin, *Les flammes de Pierre* (Paris Gallimard, 2021, p.258).

a cena”⁵. À guisa de último exemplo podemos falar do *cuidado* que uma pessoa tem por outra.

Começemos com o cuidado reservado a pessoas doentes. Note-se, de passagem, que se a doença for considerada grave, a pessoa acometida costuma ser objeto de compaixão e também de curiosidade, fato que leva muitas pessoas a olharem de forma insistente a pessoa doente, ou seja a serem indiscretas, indiscrição essa mal vivida pela pessoa alvo dos olhares (e das perguntas). Uma cena do filme *Amour* (filme de Michael Haneke) ilustra o que acaba de ser escrito. A personagem Anne, muito doente, assim fala a uma visita que ela e seu marido um dia recebem: “*Não faça essa cara*”. Ela percebeu que é olhada de forma insistente e diferente, olhar esse que somente pode ser explicado pelo fato de a visita saber do seu estado de saúde. A discrição implicaria olhar para a pessoa doente de maneira normal e natural. Mas como tal discrição está ausente, Anne ao dizer (seria melhor falar ao ‘mandar’) ‘*não faça essa cara*’ mostra seu desconforto ao ter a sua ‘esfera invisível’ invadida, sua dignidade ameaçada. Em outra cena do mesmo filme, agora diretamente relacionada ao cuidado que seu marido lhe proporciona, escutámo-la lhe dizer: “*Não fique aqui para ver como eu seguro o livro*”. Anne, debilitada fisicamente, resolve ler um livro, mas seu marido Georges não está seguro de que Anne conseguirá sozinha segurá-lo com firmeza: então, ele que tinha saído do quarto do casal, resolve voltar para conferir. É um ato que traduz preocupação e vontade de prodigar cuidados. Anne certamente sabe da generosa intenção de seu marido, mas desagrada-a ser observada. Apesar de melhores intenções, o marido mostra-se indiscreto. Aliás, tal cena mostra um dilema: cuidar muitas vezes implica ser indiscreto (observa-se incessantemente a pessoa a ser cuidada), mas ser indiscreto machuca a pessoa objeto de cuidados. Com efeito, cuidar implica controlar, e controlar implica uma dose, não raramente severa, de indiscrição.

Creio que *podemos* generalizar o que acabo de descrever a praticamente todas as formas de cuidado, e não apenas aquelas reservadas a doentes. Eu diria que o amor é

⁵ Jack London, *L'appel de la forêt* (Paris, Librairie Générale Française, 2000, p.100).

indiscreto, seja entre cônjuges, e mais ainda, na educação das crianças. Como cuidar de filhos sem observá-los, sem procurar sinais de alegria ou pena, sem fazer perguntas sobre seu estado de saúde e ânimo, sem procurar desvendar seus segredos, em suma sem ser indiscreto? Note-se que contrariamente ao que muita gente acha, crianças desde pequenas são sensíveis a intromissões na sua vida íntima (a noção de segredo, por exemplo, já se verifica em crianças de três, quatro anos).

Em *conclusão*, digamos que discrição e cuidado não raramente encontram-se em oposição. É preciso achar um equilíbrio, o que mostra bem que a discrição é uma *virtude*.

2) Voltemos à mãe de Érico Veríssimo que, nos diz o romancista, *morreu com a discrição e a dignidade com que sempre tinha vivido*.

Veríssimo escreve pouco a respeito da morte de sua mãe, notadamente, diz ele, para não entrar em pormenores para ele doloridos. Limita-se a dizer que sua mãe foi hospitalizada diagnosticada com câncer do pulmão e que, quando ia visitá-la “*eram esses olhos que eu agora via postos em mim, naquele quarto de hospital, numa espécie de muda e medrosa interrogação*”. Ele relata também que quando lhe perguntavam se sentia alguma dor, “*ela respondia que não*” e “*sacudia negativamente a cabeça*” quando indagavam se ela tinha algum pedido especial a fazer.

Podemos interpretar as respostas de Bega à luz do que foi escrito acima: como Anne, ela protege sua ‘esfera invisível’. Ao responder que não sente dor e que não tem pedido a fazer, ela interrompe uma conversa que inevitavelmente levaria a indiscrições, por mais inspiradas pela generosidade que fossem, por parte das pessoas que com ela falam.

Porém há outra interpretação que também diz respeito a discrição. Com efeito, a discrição tem duas faces. A primeira: ser discreto é não invadir a ‘esfera invisível’ de outrem, como o vimos no exemplo do cuidado, A segunda é não se mostrar, não falar ou falar pouco de si, dos seus pensamentos e emoções. É esta a segunda relação entre discrição e dignidade.

Podemos interpretar as respostas de Bega como ilustração dessa segunda face. Ela certamente sente dor, certamente teria pedidos a fazer, mas como tais respostas evidenciarão sua condição de sofrimento e dependência, ela prefere calar-se, prefere a discrição. A postura de Bega lembra a de um personagem de Stefan Zweig (de seu romance *Ivresse de la Métamorphose*) que perdeu tragicamente mulher e filho: “*O homem escondia tão dignamente o seu luto*”⁶. Cito o que escrevi a respeito dessa forma de discrição e sua possível afinidade com a dignidade: “*O dicionário Aurélio traz exemplo parecido: “empobrecido ao extremo, sabe conservar a sua dignidade”. Em suma, há situações de extrema gravidade, que levam a sua infeliz vítima a violentos sentimentos de dor, de tristeza, de desamparo e seria perfeitamente compreensível e, portanto, aceitável, ver tais vítimas expressarem seu desalento em cenas de desespero. Porém, algumas pessoas não se autorizam a mostrar a quem quer que seja a ruína afetiva a que estão submetidas, pois para elas, o respeito de si condena mostrar-se fraco, abomina perder o controle de si. E chamamos isto de dignidade. E, confessemos-lo, em geral reações deste tipo nos despertam admiração*”⁷. Cito um último exemplo, voltando a uma personagem do romance de Rufin, citado acima. Remy está longe da pessoa amada e lhe manda antigos cartões postais cor sépia que exalam tristeza: “*A tristeza dos cartões, marcada pela nostalgia, era uma mensagem discreta, mas clara a respeito do estado de espírito de Rémy. Assim podia ele ao mesmo tempo mostra-se digno, nada revelar explicitamente de sua melancolia (...)*”⁸.

Em resumo, ser discreto, no sentido de procurar não revelar sentimentos e estados de espírito, pode ser uma forma de afirmar a própria dignidade. Digo ‘pode’ porque tal forma de relação entre discrição e dignidade vale para algumas pessoas, mas não para todas. Em compensação a falta de discrição, agora no sentido de não respeitar a

⁶ Stefan Zweig, *Ivresse de la métamorphose* (1982, Paris, Livre de Poche, p.102).

⁷ Trata-se do meu livro intitulado *Paisagens da dignidade na obra musical de Chico Buarque de Holanda* (Americana: Adonis, 2019)

⁸ Jean-Christophe Rufin, *Les flammes de Pierre* (Paris Gallimard, 2021, p.122).

‘esfera invisível’ de outrem, implica na maioria das vezes ferir a dignidade alheia. Aliás bem o sabem os agressores e os estados totalitários.

**

Tratei de duas relações ou afinidades entre discrição e dignidade. Haverá outras? É bem possível, mas me atenho às duas rapidamente analisadas. E haverá outras dimensões da dignidade e da discrição, agora tomadas separadamente? Certamente.

No meu livro Paisagens da dignidade na obra musical de Chico Buarque de Hollanda, analiso várias destas dimensões inspirando-me de variadas canções desse compositor.

Pensei em fazer a mesma abordagem em relação a discrição, mas praticamente não encontrei canções que ilustram esse tema, então abandonei o projeto. Mas, que tal essa do mesmo Chico Buarque, intitulada *Vitrines*: penso que ela traduz bem a discrição, que implica silêncio e distância:

*Eu te vejo sumir por aí
Te avisei que a cidade era um vã
Dá tua mão, olha prá mim
Não faz assim, não vai lá, não
Os letreiros a te colorir
Embaraçam a minha visão
Eu te vi suspirar de aflição
E sair da sessão frouxa de rir
Já te vejo brincando gostando de ser
Tua sombra a se multiplicar
Nos teus olhos também posso ver
As vitrines te vendo passar
Na galeria, cada clarão
É como um dia depois de outro dia
Abrindo um salão
Passas em exposição
Passas sem ver teu vigia
Catando a poesia
Que entornas no chão*

Recebido 27/09/2022

Aprovado 04/10/2022